

**Novas leituras sobre a história de Porto Rico:
raça, trabalho e imigração no Caribe Espanhol.**

**New readings about the history of Puerto Rico:
race, labor and immigration in the Spanish Caribbean.**

CHINEA, Jorge L. **Raza y trabajo en el Caribe hispánico: los inmigrantes de las Indias Occidentales en Puerto Rico durante el ciclo agro-exportador, 1800-1850.** Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, Wayne State University, 2014.

Fabiano Quadros Rückert*

O livro publicado por Jorge L. Chinaea representa um importante avanço na historiografia do Caribe espanhol e, particularmente, na historiografia de Porto Rico. Para escrever esta obra, originalmente apresentada como Tese de Doutorado para a Universidade de Minnesota (Estados Unidos), Chinaea articulou um amplo conjunto de informações sobre a economia, a imigração e as relações interétnicas na ilha de Porto Rico durante o período colonial; e realizou um denso trabalho de pesquisa em arquivos e bibliotecas de diferentes países.

A importância dos imigrantes no desenvolvimento econômico e social de Porto Rico não é um assunto novo na historiografia desta ilha que durante o período colonial manteve relações comerciais com a Espanha e com os territórios controlados pela Coroa espanhola, e ao mesmo tempo, manteve relações comerciais com áreas da América colonizadas por europeus de diferentes nacionalidades. Constituído como parte de um sistema colonial e escravista, Porto Rico também estava inserido nas rotas do tráfico de escravos africanos.

* Cursei Licenciatura Plena e Mestrado em História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. No decorrer da graduação participei de pesquisas na área de relações interculturais e iniciei trabalhos com a metodologia da História Oral; posteriormente, ingressei na linha temática das Idéias e Movimentos Sociais na América Latina pesquisando o imaginário e as representações da Guerra Fria no contexto latino-americano. No curso de Mestrado em História, cursado durante o biênio 2005-2006, desenvolvi uma pesquisa inserida no campo da História Ambiental, enfatizando a dimensão cultural e política do movimento ambientalista brasileiro. Em 2011 ingressei no Doutorado com um projeto de pesquisa sobre a história da gestão das águas no Rio Grande do Sul. O conjunto de experiências de pesquisa adquirido durante a formação acadêmica contempla aspectos de teoria e metodologia da História e abrange temas como a etno-história, as relações interamericanas e o desenvolvimento histórico do movimento ambientalista no Brasil.

Antes de resenhar os principais tópicos do livro *Raza y trabajo en el Caribe hispánico*, é importante reconstituirmos o contexto político e econômico da América Espanhola no final do século XVIII e ao longo XIX, uma vez que este contexto influenciou no desenvolvimento de Porto Rico. A primeira questão que demanda nossa atenção, e que foi apresentada por Chinaea na Introdução da sua obra, é a política de incentivo ao povoamento da ilha e à agricultura adotada pela Coroa no final do século XVIII. O resultado desta política foi o crescimento demográfico e a intensificação do comércio entre Porto Rico e os portos espanhóis. A segunda questão diz respeito à importância que Porto Rico assumiu para a Espanha depois da perda das colônias no continente. De fato, quando a monarquia espanhola superou o desgaste da Guerra de Independência contra o exército napoleônico, seus domínios na América estavam reduzidos às ilhas de Cuba e Porto Rico e, conseqüentemente, estes dois territórios passaram a receber maior atenção da Espanha.

Controlar Porto Rico implicava em controlar a sua população, impondo pela força as decisões da Coroa. Estes eram os objetivos da Espanha, mas a sociedade porto riquenha, diversificada nas suas matrizes culturais e marcada pelas hierarquias do sistema colonial e do escravismo, adotou práticas de resistência ao controle desejado pela Espanha. Explorar estas práticas de resistência foi um dos méritos do trabalho de Jorge. L. Chinaea que buscou valorizar o comportamento dos grupos reprimidos pelo governo pesquisando em fontes documentais como arquivos da Marinha e do Exército, documentos de autoridades policiais, consulados e processos judiciais. Corretamente, o autor apontou um problema nos registros elaborados pelos funcionários da Coroa: “el silenciamento del pasado”, ou seja, a intenção de omitir ou alterar informações com potencial comprometedor para as autoridades administrativas.

No primeiro capítulo do livro, Chinaea aborda a imigração em Porto Rico durante o século XVIII, destacando um período pouco explorado pela historiografia porto riquenha. As fontes documentais referentes ao século XVIII são reduzidas, se comparadas ao volume de fontes do século XIX, contudo, elas ofereceram ao autor os subsídios necessários para explorar o tema proposto. Incluindo na sua análise grupos de imigrantes minoritários, Chinaea abordou a situação dos ameríndios escravizados na ilha de Porto Rico, considerando este segmento populacional como um grupo diminuído na sua importância pela historiografia tradicional. Segundo o autor, os

ameríndios submetidos ao trabalho cativo e os que resistiam e fugiam para o interior, foram os primeiros imigrantes da ilha durante o período colonial.

Ao lado dos ameríndios, os *cimarrones* procedentes de territórios coloniais que não pertenciam à Espanha formam outro grupo de imigrantes importante no período colonial. Procedentes de diversas ilhas do Caribe, os *cimarrones* desembarcavam em Porto Rico fugindo da escravidão imposta pelos colonizadores franceses, ingleses, holandeses e daneses. Os *cimarrones* criaram rotas de fuga e redes de contato que facilitavam a inserção deles em Porto Rico. No final do século XVII e nas primeiras décadas do XVIII, o número de *cimarrones* cresceu e gerou preocupações nas autoridades coloniais. O interesse da Coroa espanhola pelos *cimarrones* não pode ser dissociado do crescimento do trabalho escravo em Porto Rico. No período entre 1765 e 1794, a população de cativos passou de 5.037 para 17.508 – um crescimento expressivo, sobretudo se considerarmos que na mesma época, a Revolução Haitiana sinalizou para as autoridades espanholas os riscos de uma população escrava excessivamente numerosa.

Além dos ameríndios, dos *cimarrones* e dos escravos africanos, outros imigrantes de condição social inferior a desejada pela Coroa desembarcaram em Porto Rico nos séculos XVII e XVIII. Chien, usando a expressão criada pelo historiador Julius Sherrard Scott, os classificou como imigrantes “sin amo”: mestiços, marinheiros, aventureiros, desertores militares, prisioneiros fugitivos, piratas, comerciantes ilegais. Alguns procediam de territórios dominados pela Espanha, outros não eram súditos da Coroa espanhola e por motivos diversos, escolheram Porto Rico como destino. Fatores como guerras entre as potências europeias, o domínio da Espanha sobre outras nações em determinadas conjunturas, as adversidades climáticas de outras ilhas do Caribe e a localização privilegiada de Porto Rico para o comércio marítimo, contribuíram para atrair imigrantes de diferentes locais da América e da Europa.

No decorrer do século XVIII, a postura da Coroa em relação aos imigrantes de outras nacionalidades mudou influenciada pelos conflitos políticos e militares entre a Espanha e outras nações europeias. Num primeiro momento, a Coroa incentivou o povoamento da ilha com “brancos” e “católicos” capacitados para investir na agricultura e no comércio. Durante a Revolução Haitiana, Porto Rico (e também Cuba) recebeu franceses que fugiram das guerras na ilha Espanhola; posteriormente,

na década final do século XVIII, diante dos conflitos diplomáticos com a França e da expansão britânica no Caribe, a Coroa adotou mais cautela quanto aos estrangeiros de origem inglesa e francesa.

No capítulo II do seu livro, Chinaea aborda “los perfiles socioeconómicos” dos imigrantes que desembarcaram em Porto Rico procedente das Índias Ocidentais no período do século XIX. O crescimento da produção do açúcar, os recursos naturais e a oferta de terras feita pela Coroa através da *Cédula de Gracias* de 1815, atraíram imigrantes de diferentes locais do Caribe para Porto Rico. A *Cédula* foi escrita em inglês, francês e espanhol para facilitar sua divulgação. Os objetivos da Coroa consistiam em fomentar a agricultura, ampliar o uso do trabalho escravo e fortalecer o comércio marítimo.

A documentação produzida pelas autoridades espanholas oferece importantes registros sobre os imigrantes que desembarcaram em Porto Rico a partir de 1815; contudo, esta documentação possui problemas e lacunas apontados e discutidos pelo autor. Considerando as lacunas e a diversidade de documentos consultados, Chinaea realizou um grande esforço para identificar o perfil socioeconômico dos imigrantes e obteve êxito na sua iniciativa de cruzar fontes documentais procedentes de autoridades policiais, da Igreja e de órgãos diplomáticos de diferentes países. A documentação dos governadores de Porto Rico também foi detalhadamente analisada pelo autor. O saldo do trabalho de Chinaea na coleta, articulação e interpretação das fontes foi a produção de um texto baseado na análise de um amplo volume de dados quantitativos, resumidamente apresentados ao leitor em 14 Tabelas e 2 Anexos. Percebe-se no texto, um interesse do autor pela trajetória dos imigrantes e a valorização de algumas experiências que destacam a complexidade da sociedade porto riquenha colonial.

No capítulo III do livro, trabalhando com recortes no seu conjunto total de amostras de imigrantes, Chinaea destacou diversos aspectos econômicos referentes à imigração em Porto Rico: o número de imigrantes europeus era superior ao número de imigrantes procedentes das Índias Ocidentais; a maior parte do capital declarado em dinheiro estava nas mãos de poucos estrangeiros; os franceses formavam o grupo mais numeroso no conjunto total da amostra e também o grupo que mais possuía capital; os italianos, irlandeses e norte-americanos formavam um contingente numericamente pequeno, mas declararam um capital expressivo em dinheiro. Ele

constatou que havia uma grande mobilidade entre os imigrantes que desembarcavam em Porto Rico; identificou os locais mais procurados pelos estrangeiros (Ponce, Patillas, Mayagüez e Guayama) e as atividades que mais atraíam os imigrantes: o cultivo da cana e do tabaco, a produção do açúcar, o beneficiamento do rum e o comércio marítimo.

Muitos imigrantes que registraram sua instalação na ilha, eram proprietários de escravos e declaram possuir experiência em determinados ofícios. De um conjunto de 1.450 escravos introduzidos em Porto Rico por imigrantes legalizados (aqueles que cumpriam os procedimentos burocráticos exigidos pelo governo para regularizar sua chegada), cerca de 40% procediam de ilhas caribenhas. No que diz respeito aos ofícios declarados pelos imigrantes, as atividades relacionadas à construção e a agricultura representavam a maior parte da amostra, seguidas de ofícios ligados ao comércio e a navegação, e também ao trabalho com couro e com tecidos. Como bem salientou Chinea, possuir uma experiência em um determinado ofício era importante para a regularização da situação do imigrante e para a sua inserção numa sociedade marcada por desigualdades econômicas e raciais.

A estrutura social de Porto Rico no século XIX estava organizada a partir “castas”: os “blancos ricos” controlavam a ordem social, possuíam grandes propriedades, exploravam o comércio marítimo e ocupavam cargos na administração colonial; os “blancos menos influentes” ocupavam-se de atividades diversas, alguns possuíam pequenas propriedades e a maior parte deles trabalhava com ofícios manuais. A distinção entre as “castas” influenciava na situação dos imigrantes, fossem estes ricos ou pobres, brancos ou mulatos.

Incapaz de oferecer oportunidades de trabalho para toda a sua população livre e recebendo continuamente imigrantes – legais ou ilegais – de outras ilhas do Caribe, o governo de Porto Rico adotou diversas estratégias para manter o controle da sociedade: detenção, confisco de bens, imposição do trabalho forçado nas obras públicas, serviço militar e a expulsão da ilha foram medidas aplicadas contra os imigrantes ilegais identificados e capturados pelo governo. Para os *cimarrones* capturados, o retorno ao trabalho escravo (em Porto Rico ou em outro local do Caribe) era um destino indesejado e, conseqüentemente, eles buscavam o interior da ilha, evitando o contato com os colonizadores – o que nem sempre era possível.

No capítulo final do livro, Chinea retoma a questão do controle imposto pela elite porto riquenha sobre os escravos, os *cimarrones* e os livres de “casta” inferior. Um aspecto interessante na abordagem desenvolvida pelo autor foi estudo de conflitos entre *haciendados* e jornaleiros, ou entre *haciendados* e os escravos. Quando estes conflitos chegavam ao conhecimento das autoridades espanholas – na forma de reclamação de uma das partes envolvidas, geralmente, as autoridades se posicionavam ao lado dos brancos ricos. Na concepção da elite porto riquenha, os livres de “casta” inferior e os escravos que apresentassem comportamentos suspeitos ou manifestassem insubordinação deveriam ser reprimidos com vigor. Convém lembrarmos que no começo do século XIX, as guerras que resultaram na independência das colônias espanholas no continente criaram um novo problema para a Espanha: a circulação de ideias revolucionárias (republicanas e abolicionistas) na ilha de Porto Rico.

A partir de 1845, com a interferência da Inglaterra no tráfico negreiro, as elites porto riquenhas passaram a estudar alternativas para a reposição da mão de obra. Neste contexto, a instalação de novos trabalhadores livres procedentes do continente americano ou das ilhas do Caribe foi discutida e rejeitada e o fluxo de imigrantes procedentes das Índias Ocidentais decaiu expressivamente. Chinea relaciona esta mudança com os preconceitos raciais da elite porto riquenha e com o surgimento do movimento abolicionista que sinalizava para a inserção dos negros no sistema de trabalho remunerado. Cabe ressaltar que mesmo no momento de discutir a abolição, a elite porto riquenha manteve uma postura racista construindo um discurso sobre as vantagens do branqueamento da população e sobre a superioridade cultural dos brancos.

No livro *Raza e trabajo en el Caribe hispánico*, os efeitos da postura racista da elite porto riquenha podem ser observados em diferentes momentos da história de Porto Rico e, apesar de não ser este o tema principal da obra, sua importância não deve ser diminuída.

Recebido em Junho de 2015
Aprovado em Julho de 2015